

**Deponentes:** Maria da Conceição Gonçalves, Dejamilton Gonçalves, Chirlene Gonçalves e Elaine Gonçalves.

**Entrevistadores:** Janaína Campos de Freitas Breugelmans e Mariane Cruz

**Data do depoimento:** 12 de maio de 2017

**JANAÍNA:** Aí, agora começou.

**JANAÍNA:** Boa noite, hoje, dia 12 de maio de 2017, às 19h00min, vamos ouvir o depoimento de Chirlene, Elaine e Dejamilton, filhos de Benedito Gonçalves e Maria Da Conceição. Estão presentes as estagiárias da COVEMG, Mariane Cruz, Janaína Breugelmans e Ediberson Reis Silva, e a Dona Maria da Conceição também está presente hoje. Vocês podem começar o depoimento de vocês.

**DEJAMILTON:** Boa noite. Eu sou o Dejamilton, eu nasci em 27 de setembro de 1959, sou filho de Seu Benedito Gonçalves e da Dona Maria da Conceição. Nasci em Carmo da Mata, e de lá, pequeno ainda, por volta de um ano de idade, a gente, nós viemo pra Divinópolis. Pra Divinópolis porque a vida em Carmo da Mata tava muito difícil, e a gente, meus pais, vieram buscar uma vida melhor aqui em Divinópolis pra toda família. E aquela dificuldade danada pra carregar a família nas costas, salário muito baixo, na época da Ditadura também, tudo era difícil. Tudo era difícil. Mas era bom, porque pelo menos hoje, a gente aprendeu muita coisa na vida e a gente foi uma família feliz, todos trabalham, e a família cresceu bastante. E a gente, tem a Chirlene, que é minha irmã mais nova, Elaine que é mais velha que a Chirlene um pouquinho, tem o meu irmão, Nelson, mais velho do que eu que não está aqui, e meu irmão Cléber, que faleceu há quase 14 anos, né, Chirlene? Quase 14 anos. E a gente vai levando a vida, com uma família muita unida que a gente somos, mesmo com a ausência do meu pai e do meu irmão Cléber que não estão aí, também minha mãe perdeu um casal de filhos quando a gente, nós viemo de Carmo da Mata pra cá. Muito pequenos os menino ainda. E a gente lá vai tocando a vida, graças a Deus, com muita união, só com o pesar que a gente não tem o pai da gente mais, que não tá aí mais, que a Ditadura levou. Foi um dos que lutaram contra a Ditadura na época e que foi embora novo, com 48 anos, novo. E a gente vai, tocando a vida, graças a Deus. Elaine...

**ELAINE:** Boa noite, meu nome é Elaine, tenho 52 anos, sou filha de Benedito Gonçalves, sou nascida aqui em Divinópolis, perdi meu pai com 14 anos, o que foi horrível, foi uma covardia o que fizeram com meu pai. Meu pai era um trabalhador muito honesto. Sinto falta dele até hoje, sinto a presença dele todo momento da



minha vida, lembro como se fosse hoje a notícia, quando chegou, porque uma coisa que eu lembro muito bem, quando meu pai saiu de casa, tava tendo a greve, aí eu pedi pra ele, falei: “Papai, não vai! Por favor!” Aí ele falou pra mim: “Minha filha, é justo os meus amigos lá, batalhando por um salário melhor, e eu ficar aqui deitado?” Meu pai tava de licença médica, e ele, passou uma hora mais ou menos,

chegou a notícia. Eu estava sozinha na minha casa, porque minha mãe tinha ido ao médico, meus irmãos não estavam em casa, chegou a notícia do meu pai e foi horrível. O meu pai foi um homem trabalhador, muito honesto, deixou, graças a Deus, nós somos muito unidos, meus irmãos com minha irmão, nós nos amamos muito. Meu pai só deixou coisa boa. Só coisa boa! Ele foi um guerreiro! Um guerreiro. Né, **CHIRLENE?**

**CHIRLENE:** É. Eu chamo Chirlene, sou filha de Benedito Gonçalves, eu sou a mais nova, na época que meu pai morreu, eu tinha 10 anos. E eu vou falar uma coisa para vocês, é uma dor muito grande que eu não desejo pras minhas filhas o que eu passei, porque a ausência de um pai é muito grande. Se ele não tivesse morrido na época que aconteceu, talvez a nossa vida não tinha sido do jeito que foi, podia ter sido até melhor. Então, o quê que a gente fez, a gente uniu muito e vamos levando a vida. Só que foi uma morte assim, muito injusta, na idade, eu tinha só 10 anos. Sabe que toda hora cê liga a televisão e vê falando aquela mesma coisa, sai no jornal, cê vai na escola, os assunto dos menino num muda! Tudo era sobre aquilo! Então a gente fica assim, traumatizada com aquilo, na idade que eu tinha, só 10 anos, já tava no final de ano, já tava saindo do quarto ano, já. Então confunde muito a cabeça de uma criança. Então o que eu passei, eu não desejo pra ninguém, nem pras minhas filhas, mas graças a Deus, eu acho que, como se diz, perdemos por um lado, e ganhamos por outro, porque a gente tem uma mãe muito boa que conseguiu deixar a família toda unida até hoje. E com isso, os nossos filhos, os netos, bisnetos da minha mãe, todo mundo é unido. Então a gente lembra do meu pai, a gente conta casos pras menina, a minha menina fez um trabalho na escola, eu fiz questão de contar a história toda pra ela, pra ela chegar na escola e contar como que é, como que foi, porque meu irmão tem os papel tudo daquela época, aí ela contou. Os menino ficou assim, admirado de saber como que foi. Antigamente tudo era difícil. Então, graças a Deus, que, como se diz, o governo ainda conheceu, a minha mãe conseguiu receber alguma coisa, que eu acho assim, ela tinha que receber em vida, pelo seguinte: porque o que ela passou, só ela que sabe. Mas graças a Deus, que ela recebeu uma parte, deu certo, hoje ela tá aí com saúde, nós vai daqui, nós vai dali, a gente vai levando. Mas foi uma época muito difícil mesmo, pra todo mundo.

**DEJAMILTON:** Eu vou falar um pouco do relato, como que foi que aconteceu a morte do meu pai. O meu pai morreu no dia 20 de agosto de 1979. Meu pai morreu no dia do aniversário dele. A pessoa espera... Um ano é grande demais, mais de 300 dias, procê morrer no dia do seu aniversário. Só que, o que eu analiso de lá pra cá, é, nem

tudo foi trevas. Porque o trabalhador ganhou muita coisa com isso, porque foi através de uma greve, que começou aqui em Divinópolis, quem começou essa greve aqui em Divinópolis foi o, o Lula teve aqui em Divinópolis pra começar essa greve, aí ele veio mobilizando Celso Aquino, Teixeira, uma turma aqui, pra fazer essa greve aqui em Divinópolis, pra começar essa greve aqui em Minas Gerais. Me parece que Divinópolis começou antes de Belo Horizonte, e essa greve, ela foi, me parece, que a primeira do Brasil, que depois que parou aqui, acho que na semana seguinte que parou o ABC Paulista, conseguiu parar o ABC Paulista. E nessa época não foi só meu pai que o foi morto com isso, em São Paulo teve isso, me parece que em Belo Horizonte, parece que Senhor Oracílio parece.

**ELAINE:** Oracílio.

**DEJAMILTON:** Oracílio, parece. E teve muito derramamento de sangue pra ter a conquista que o trabalhador tem hoje, que o governo atual tá cortando, tá querendo tirar. Muito sangue foi derramado pra ter a conquista que tem hoje, entendeu? A conquista que tem hoje, e eles tão querendo votar isso aí, pra acabar com o direito dos trabalhadores, que foi conquistado lá atrás, foi muita gente que morreu, derramou, foi derramado muito sangue pra ter essas conquista, certo? Eu acho que teve muito ganho, mas ganho demais da conta. Eu perdi meu pai, mas os trabalhadores ganharam. As conquistas que teve de lá pra cá. Então alguém teve que derramar o sangue pra melhorar pros que ficaram. Alguém teve que pagar por isso, e uma dessas pessoas foi meu pai. Eu não vejo isso com tristeza. Eu perdi um pai, perdi um amigo, um pai amigo meu, um dos melhores amigos que eu tive, um pai amigo que eu tive, eu realmente perdi, sofri na época demais, sofri muito. Fiquei muito revoltado, e depois, com o passar do tempo... Hoje, eu já não tenho aquela revolta mais, eu fui entendendo, que alguém tinha que derramar o sangue pra melhorar. Então, a vida nossa, toda a vida foi de peleja, hoje a gente tem uma vida de, vou falar de rei, certo? Uma vida de rei, rei e rainha. Porque o que nós passamos, o que nós tivemos, no passado, foi comendo o pão que o Diabo amassou com o rabo. Você almoçava, você não sabia se você ia jantar. Porque a dificuldade era demais, só que aquilo ali foi benéfico pra criação da gente, porque a gente aprendeu a viver com pouca coisa, certo? E hoje nós somos uma família humilde, uma família simples, e támo aí até hoje, batalhando pra melhorar mais. Eu quero ver o Brasil bacana, todo mundo tendo seu salário digno. Eu quero ver o Brasil desse jeito, né? Mas por outro lado, eu tô vendo o Brasil muito diferente. Eu tô enxergando o Brasil mesma coisa de um tabuleiro de dama: tem dois jogadores jogando e eu tô de fora assistindo, e vendo

o jogo de fora. Eu tô com muito medo desse Brasil, por Deus do céu, tô mesmo. Porque tã se pegando, de cima pra baixo, essa roubalheira. Eu tô com medo desse trem chegar aqui em baixo, e eu tô com medo da ditadura voltar. Por Deus do céu! Tô com muito medo, porque essa turminha que tá roubando, encosta de moto, “Perdeu, perdeu, perdeu” isso vai acabar, isso não vai ficar assim, não. Até quando vai ficar nisso? Certo? Tá se pegando de cima pra baixo, entendeu? O judiciário, eles tá mudando as coisa de cima pra baixo, e eu tô com muito medo da ditadura pegar de novo. E vai ser muito derramamento de sangue, e outra coisa: a gente perder muitas conquista que tivemos no passado. Eu tô enxergando isso, eu tô vendo as mudanças. Tô vendo as mudanças. Eu acompanho isso a mais de 40 anos, nós nunca tivemos na situação que estamos hoje, nunca tivemos. E por Deus do céu, eu tô com medo, mas medo mesmo! Eu temo pelos meus netos. Meus filhos já tá grande, já, eu temo pela geração nova que tá vindo aí. Se o jovem não for pra rua e fazer o voto valer, o Brasil não sei que caminho vai pegar, não.

**CHIRLENE:** O pior é que é engraçado. Esses negócio de greve a gente já passou por isso. Eu tenho medo de greve, cês não imagina. Morro de medo! Se falar que tem greve lá no Centro, eu corro léguas, por quê? Trauma que a gente fica. Porque hoje em dia, a greve começa numa boa, do nada eles começam aquela pancadaria. Aquilo não faz parte da greve. Aí machuca um, machuca outro, então a gente fica naquele medo, e se voltar a ditadura, vai voltar tudo de novo. Aquela matança, vai morrer gente de graça, igual papai morreu de graça, entendeu? Quer dizer, quem saiu perdendo foi nós, que saiu perdendo, porque morreu de graça, que eu achei que aquilo foi o cúmulo do absurdo. O jeito que ele morreu, como que ele foi tratado, que eu acho que não precisava daquilo. Machucou, levou pro hospital, chegou lá, não fizeram os exames que ele tinha que fazer, depois o salário que ele recebia, passaram a perna na minha mãe, pegaram mais da metade dela, até hoje não conseguimos repor esse dinheiro dela, entendeu? Então a gente fica com medo. Uma vez teve uma greve onde que minha menina estudava, eu pedi ela, pelo amor de Deus, pra ela vir embora, ela: “Não, mamãe, não vou, não.” Falei: “Vem embora! Eu não quero que cê fica aí! Eu já passei uma vez, a segunda eu não dou conta!” Eu ainda era nova, tava com 10 anos. Eu falei: “Eu já passei a primeira vez, a segunda eu não aguento, não. Pó vim embora!” Então, agora, toda vez que tem greve de professor, tem paralização no Centro, eu não vou, eu não deixo as minhas filhas irem. Por quê? Olha o quê que aconteceu com meu pai, será que vai ter que acontecer de novo? Então a gente toma medo disso, entendeu? Aí as menina fica

perguntando: “Ô, mamãe, e se ele fosse vivo hoje, será como que ia ser?” Aí eu tento fantasiar da minha cabeça, falo assim: “Eu acho que ia ser assim, assim, assado...”

**ELAINE:** Mas elas iam adorar, porque o papai era uma pessoa muito alegre, gostava de casa cheia, sabe? De dançar. E, às vezes, os amigos dos meus irmãos, chegava lá em casa, a gente morava em Porto Velho, aí eles... Aí a gente falava assim: “Ah! Ele não tá aqui, não!”, “Ah! Mas seu pai tá?” Eles entravam, se sentavam e batiam papo com meu pai. Meu pai gostava muito de rir, sabe? Ele era muito espontâneo, muito alegre, e minha casa ficava assim, ó, o dia todo, e até hoje, sabe? Até hoje, né, mamãe? A gente vê, vem, a gente tá aqui tomando uma cerveja, aí chega um amigo, chega outro, chega... Então continuou. Então graças, ele deu uma educação tão boa pra nós, junto com minha mãe, que graças a Deus, nós éramos todo mundo novo, e ninguém descabeceou! Ninguém! Tenho duas filhas, ele tem dois filhos, ela tem dois filhos, meu outro irmão tem dois filhos, todo mundo super tranquilo, minha família super tranquila. Sabe? Porque foi a educação que meu pai deu pra nós. Então, assim, todo, assim... A rua toda, o bairro de Porto Velho todo sentiu. Quer dizer, a cidade sentiu a morte dele. O velório dele foi muita gente, muita gente, sabe? Ele era uma pessoa muito querida, morreu muito novo, mas ele deixou o legado pra nós, né?

**DEJAMILTON:** Deixou. O meu pai era muito carismático. Eu comecei a contar uma parte da morte dele, mas só que eu, eu comecei a entrar por outro lado, mas eu vou dar uma, como diz o outro, uma pincelada no passado, no passado pra gente, pelo menos, lembrar o que aconteceu. E continuando no assunto seu, fiquei sabendo que meu pai tava no hospital, ele tava no hospital, através de uma amiga nossa que trabalhava lá. Falou: “Seu pai deu entrada aqui no hospital muito machucado.” Aí eu falei assim: “Meu pai? Ele tava aqui pouco tempo!” Falou: “Não, é seu pai mesmo!” Aí eu fui pro hospital São João de Deus na época, cheguei lá, a minha mãe tava no hospital. A minha mãe foi fazer uma consulta lá, e eu encontrei com minha mãe saindo do hospital. Cê vê que coincidência! Aí falei pra minha mãe assim: “Uai, a senhora tá no hospital mãe! A senhora, o meu pai tá internado aí!”, “Uai, quê que seu pai arrumou?” Falei: “Meu pai machucou! Tá internado aí!”, “Uai, machucou de quê?” Falei: “Uai, ele tava numa greve” na greve da Paíns, na época, aí. Né? Era na greve da Paíns. “E me parece que ele tomou uma cacetada na cabeça. Me falaram é isso”, “Quê isso! Cê tá ficando doido?” Aí nós voltamo lá, aí o porteiro deixou eu entrar, minha mãe ficou de fora. Aí eu entrei numa sala de atendimento, eles tava atendendo duas pessoas que foram machucadas também, e meu pai não tava lá, “Seu pai tá sendo atendido na enfermaria ali fora, só que cê não pode entrar, não. Tem que

esperar liberar ele primeiro pra você entrar.” Aí eu fui perguntar para os dois que tava lá, que tava muito machucado também, nas costas, tomaram porretada nas costas, era porrete mesmo, de madeira mesmo. Aí eu fui perguntar pra eles, eles falaram assim: “ó, polícia tão batendo em nós. Nós tava no movimento, numa assembleia no campo do Flamengo, tinha uma assembleia lá 16h00min, aí depois, a assembleia... Foi decidido que a gente iria pro Centro Industrial, para parar o Centro Industrial.” Pra parar o Centro Industrial. Então do campo do Flamengo, na saída do Niterói, pro Centro Industrial era mato puro. Era só mato, num tinha... Divinópolis era bem menor, num era nem metade do que é hoje. Não era nem metade. Então era mato puro. Aí o batalhão de Bom Despacho tava acompanhando o movimento, aí tinha uma forjaria, chamava Forjaria São Luiz. Essa Forjaria São Luiz, o pessoal foi tentar a paralisação dela também, e foi aí aonde que a polícia aproveitou, que o pessoal fora da cidade, e entraram de cassetete no movimento. Entraram de cassetete no movimento. Então nisso... Os outros, os dois mais o meu pai, a Polícia Militar colocaram eles na viatura deles e levaram eles para o hospital. Magalhães Pinto, esquina com Rua Uberlândia, eles foram pego ali, a multidão foi dispersada ali. E o negócio tava tão pegajoso que o comando de greves deu uma desaparecida, porque eles queria, eles tava na mira da polícia, mesmo. Eles queria pegar eles de qualquer jeito. Procê ter uma ideia, cê sabe onde é que o César Aquino tava escondido? O César Aquino tava escondido dentro do cemitério! A mulher dele, o filho dele, levava comida pra ele de madrugada dentro do cemitério. Porque o coveiro não contava que ele tava lá! Não contava que ele tava lá. Eles andaram longe, que eles saíram cá numas fazenda pro fundo de Carmo do Cajuru, à noite, eles não sabia nem onde é que eles tava, depois desse movimento que foi dispersado. E de lá eles já ligaram pra um, pra outro, caçaram um jeito de achar telefone não sei aonde, porque era telefone de linha, entendeu? Era telefone de linha, era poucas pessoas que tinha telefone, pra buscar eles, e eles ficaram escondido dentro do cemitério, dentro do cemitério. Então, e eles ficaram jurado mesmo, polícia ficou na cola deles, pra pegar eles mesmo, pegar eles mesmo. E na época o meu pai ficou, nós levamos meu pai pra casa, meu pai já não falou mais nada. Ele tava já enrolando língua, já, não falando, não falava nada. Falava “Ah! Não sei que tem, bomba, não sei que tem, bomba” Deve ser bomba que eles jogaram no movimento. E aí nós trouxemos meu pai pra casa, quando foi de madrugada meu pai teve convulsão. Convulsão. Aí nós chamamos o Senhor Antônio Pinto, que trabalhou com meu, ele foi supervisor meu pai na Paíns, só ele que tinha carro na rua. Chamou ele, de madrugada, ele buscou meu

pai. Ele foi de carro lá, ele tinha parece um Corcelzinho na época, nós levamos meu pai pro hospital. Aí que eles foram tirar radiografia da cabeça do meu pai.

**JANAÍNA:** Não tinha feito antes...

**DEJAMILTON:** Eu nunca vi falar isso na minha vida, que você tem uma pancada na cabeça e você não tinha, e você não precisa de tirar radiografia. Não tirou radiografia do meu pai. E nisso, aí tirou a radiografia do meu pai, quem atendeu meu pai foi Doutor Calazães... Calazâncio, que atendeu meu pai. Eu fiquei revoltado pra caramba, falei: “por que que não tiraram radiografia do meu pai? Eu tava no hospital, quem que tirasse”. Deu um cortezinho na cabeça, nessa altura mais ou menos, do cérebro, né? Aí fizeram uma raspagem, deu ponto e puseram o curativo. Aí deu afundamento de crânio, num tiraram. Porque se tivesse tirado a radiografia, talvez tinha visto. Aí foi tirar de madrugada, aí deu afundamento de crânio. O meu pai já não falou mais nada.

**CHIRLENE:** Mas ele já saiu com uma... Ele num tinha...

**DEJAMILTON:** Ele saiu igual. Mas aí

**CHIRLENE:** Ele num pediu o cigarro lá, e cê foi, ele tirou e colocou dois cigarros na boca? Ele já não tava bem, já.

**DEJAMILTON:** Ele pôs dois cigarro na boca de uma vez, quando ele saiu: “Me dá um cigarro”, tirou dois cigarro, colocou dois cigarro na boca. Ele não tava bem.

**JANAÍNA:** Quando ele saiu do hospital a primeira vez?

**DEJAMILTON:** A primeira vez! Aí, mas, a experiência da gente na época, a gente, eu era muito novo, não tinha experiência de nada, a gente achava até que aquilo era normal, mas não era. Não era normal. Aí de madrugada ele passou mal, nós voltamos com ele pro hospital, ali já levou ele pra mesa de cirurgia, já tiraram a radiografia, já constatou, e já foi pra mesa de cirurgia, e eles devem ter feito a cirurgia até 05h00min. Na mesma hora fizeram, já não dava mais pra... Não dava mais pra fazer muita coisa mais. E ali meu pai foi piorando, já foi pro CTI, piorando, piorando, aí quando foi no, nesse dia 20, que nós chegamos no hospital mais o meu irmão, ele tava no CTI, não podia entrar, aí a enfermeira falou pra mim. Falou: “ó, cê tem que esperar o médico que já tá chegando aí.” O médico já chegou e falou comigo assim: “Ó, tá você e o Nelson aí, vou deixar um de vocês entrar pra ver seu pai, mas um só. Talvez vai ser a última vez que cês vão ver ele com vida.” Aí me perguntou qual de nós dois que ia ver ele, lá. Que queria ver, entrar no CTI. O Nelson falou comigo: “Não, então se for, você entra.” Aí eu entrei, ele já tava, já dando convulsão de novo, né? Aquela convulsão, suando frio. Eu vi que não tinha esperança mais, eu vi que



não dava mais. Ficou uma semana tentando, foi piorando, piorando, piorando... Aí 11h00min, a Pains ia anunciar os aniversariantes dela, do mês, do dia.

**JANAÍNA:** Você trabalhava na Pains também?

**DEJAMILTON:** Não trabalhava. Eu não trabalhava ainda. Depois eu trabalhei lá. Depois de 8 anos, eu trabalhei lá. Não, depois eu trabalhei lá mais 8 anos. Cheguei a trabalhar lá. Aí anunciou o aniversário dele era 11h00min, quando foi meio dia anunciou a morte dele. Anunciou o aniversário dele, depois meio dia anunciou a morte. Até que eu encontrei até com quem anunciou o aniversário dele, era o (trecho incompreensível), conversei com ele esses dias agora, foi ele que anunciou. Ele tinha um programa na Rádio Cultura na época. Essa rádio, na época, era... A Pains tinha um programa dela lá, né? E depois foi passando, meu pai faleceu, na hora que eu cheguei na porta da minha casa, nós viemos a pé, cheguei na porta da minha casa, funerária tava na porta de casa pegando os documento do meu pai. Eles chegaram primeiro que eu. Minha mãe ficou sabendo que meu pai morreu porque a funerária chegou na porta da minha casa antes de nós chegar do hospital. Nós tava vindo a pé, eles chegaram antes de nós. Pegando documento dele. Aí passou, teve uma matéria no Estado de Minas, na época. Com tempo, devo até passar pra vocês as página que ela tá, sabe? Tá no arquivo do Estado de Minas. Foi feito na época, os jornais deram muita repercussão sobre isso aí, Folha de São Paulo, sabe? Porque isso foi em geral, não foi só em Divinópolis, foi geral. Então, e na época, polícia não tinha dó, mesmo. Não tinha dó, mesmo. Teve muita gente que eles consumiram. Foi gente demais que consumiu. Não tinha dó mesmo. Tanto que eu falo, não deixa a ditadura voltar, não, porque os jovens de hoje não sabem o gosto de uma ditadura. Não sabem nem, nem imagina como é que é. O trem é doloroso mesmo. Né? Aí, quando nós começou a juntar documentos pra pedir que o Estado indenizasse minha família, né? Que eu comecei a correr atrás de documento mesmo, comecei a ir no hospital buscar documento do meu pai, aí eu tive uma surpresa, que nessa surpresa, que o Doutor Alair, que foi diretor do hospital, mas que ele até hoje, Doutor Alair Rodrigues, não, Rodrigues não... Dolair, Rodrigues, não... Dolair, vou lembrar o sobrenome dele... Presidente do hospital, diretor do hospital parece que até hoje, parece que até hoje. Ele tinha me falado que meu pai não deu entrada, não tinha dado a primeira entrada no hospital, que meu pai deu a segunda entrada quando meu pai morreu. Falei: "Doutor Alair, falar uma coisa para o senhor: o meu pai deu a primeira entrada, eu que busquei meu pai. Ocês tão se omitindo porque ocês não tiraram raio-X do meu pai."

**JANAÍNA:** E não tinha registro dele lá, da primeira entrada?

**DEJAMILTON:** Não, não tem registro da primeira entrada.

**JANAÍNA:** Se tinha eles não falaram, né?

**DEJAMILTON:** Tem o registro da segunda entrada, que eu tenho os registro todos aí. Eu tenho o registro da segunda entrada, não tenho registro da primeira entrada. Então falei para o Doutor Alair: “Doutor Alair, se o meu pai não tava no hospital, o meu pai tava com a polícia. Ele tava no hospital ou ele tava com a polícia?” Aí ele falou assim: “Eu não sei te falar, só sei que aqui no hospital ele não tava.” Falei assim: “Doutor Alair, eu tava aqui no hospital. Ele teve duas entradas.”, “Não, seu pai só teve uma.”, “Não! Eu não vou teimar com o senhor, não. Eu tô juntando documento e tô indo pra justiça. Eu tenho documento do meu pai, tenho tudo. O que o senhor pedir, eu tenho dele aqui. Então eu queria que o senhor fizesse um relatório, falando pra mim a hora da entrada dele.”, “Não, vou fazer o relatório da hora da entrada dele, que foi quase 1 hora da manhã.” Falei: “Não, essa é a segunda entrada. Se o senhor quiser me dar esse relatório eu vou levar ele, mas que teve duas entrada, ele teve.” Então até o próprio hospital se omitiu informação, sabe? Eles se omitiram informação. Que também, eu até não culpo eles por causa disso, não, porque a pressão em cima deles também era grande. A repressão, né? Era enorme em cima deles. Então é claro que ele não ia falar que, eles não ia assumir esse erro nunca. Mas nunca. E é uma das mágoas que eu tenho da época, é isso aí. De ter se omitido isso aí, de num ter tirado um raio-X da cabeça do meu pai, certo? Assim, eu não tô culpando eles, não. Às vezes foi erro do hospital, mesmo, eles erraram mesmo na correria, eles erraram. Mas talvez meu pai também não taria vivo, também. Teria morrido mesma coisa, mas pelo menos que fizesse... Que fizesse o procedimento que tinha que ter feito na época, né? Então a minha mágoa é isso aí, do hospital é isso aí. Meu pai devia ter sido melhor atendido. Talvez se meu pai tivesse dinheiro tinha sido melhor atendido.

**JANAÍNA: DEJAMILTON,** fala pra gente do que seu pai fazia. Ele trabalhava na Pains, ele era sindicalizado?

**DEJAMILTON:** É o meu pai trabalhava na Pains. Na Pains, meu pai era pedreiro refratarista. Pedreiro refratarista é aquele pedreiro que trabalha na construção de forno, forno de aço, forno de luz, esses forno pra, que fabrica o aço, né? Meu pai era pedreiro refratarista. O meu pai era sindicalizado na época, mas o sindicato na época, ele ficou muito em cima do muro. O sindicato correu, mas correu mesmo, sabe? E ficou muito omissos da situação na época, certo? Até mesmo porque, eu

torno a repetir, até mesmo por causa da repressão. Porque antigamente cê não podia falar mal de presidente, cê não podia falar mal de polícia, cê num podia falar mal de ninguém. Que se cê falasse, cê ia pro pau de arara, mesmo. Eles consumiam com cê, na época. Cê não podia meter o pau em político, cê num podia falar mal de polícia. Hoje já não é assim mais. Hoje eu já não vejo por esse lado. Tanto que cê tá aí, vendo o que tem aí... Eu acho que a melhor polícia, a melhor polícia do Brasil é a polícia mineira, a nossa aqui, certo? E mesmo assim, ainda tem um ou outro que estraga, que estraga a corporação. Mas se cê olhar num todo aí, cê vê que até a própria polícia teve ganho de lá pra cá. A polícia hoje trata o cidadão diferente da época, não é? Hoje cê conversa com um policial aí, é normal; antigamente cê num olhava nem na cara dele, cê num olhava. Eles eram tão ordinário, mas tão ordinário, que eles usava aqueles quepe, aquelas cuia na cabeça, aqueles quepe, e eu lembro que se eles vissem um de menor na rua 10 horas da noite beirando um bar, eles metiam o cacete, mesmo, não tinha conversa, não! E os de menor apanhava igualzinho cachorro grande, diferente de hoje. Hoje não existe isso mais. Hoje tem os direitos humanos, os menores tem o direito deles, que eu acho até que é muito direito, acho que menor hoje tem muito direito, e poucos deveres. Eu vejo isso. Acho que devia ter mais deveres, e menos direitos, pra criar cidadão mesmo, né?

**JANAÍNA:** E, **DEJAMILTON**, aproveitando que tá falando de polícia, sabe alguma coisa, investigação depois, sobre quem foi o policial que bateu, ou se alguém foi punido? Tem notícias sobre isso?

**DEJAMILTON:** Que eu sei, e que se deu da época, que foi o batalhão de Bom Despacho que tava dando cobertura na greve daqui de Divinópolis, tava dando cobertura na greve daqui de Divinópolis.

**JANAÍNA:** Mas o policial, quem, a pessoa mesmo...?

**DEJAMILTON:** Policial... Não, o policial agressor a gente não tem, e segundo quem tava no movimento que me falaram alguma coisa, que eles entrava batendo mesmo, sem distinção.

**JANAÍNA:** E não dava pra saber quem era...

**DEJAMILTON:** Todo mundo batia. Todo mundo batia e o povo da greve tinha aquela, como é que fala? Encarava, entendeu? Eles eram muito... O povo era corajoso demais da conta. Encarava e há pouco tempo a gente tivemos um depoimento na Polícia Federal, que foi perguntar muita coisa, coisa nesses modos que cê tá perguntando aí também, certo? E num tem nomes, e pelo que eu vejo, os federal tem nomes, tem muitos nomes ali, sabe? Eu num vou falar aqui os nomes, porque eu

num posso te falar, porque isso é coisa deles lá, né? E que me parece que eles tão fazendo alguma coisa.

**JANAÍNA:** Na época não teve uma investigação?

**DEJAMILTON:** Eles querem passar... Parece que eles querem passar o Brasil a limpo mesmo. Que eu vejo isso aí.

**JANAÍNA:** Mas só uma pergunta, a gente leu nos relatos do CONED e do relatório da Comissão Nacional da Verdade, que vocês depois entraram com um processo contra o Estado na época. Foi logo na época?

**DEJAMILTON:** Entramos.

**JANAÍNA:** Quando que foi mais ou menos?

**DEJAMILTON:** Nós entramos, nós entramos com um processo na época. Meu pai morreu em 79, nós montamos um processo por volta de 1980. Eu creio que esse processo deve ter entrado de um a dois anos depois que meu pai morreu. Sabe? A data precisa pra te falar eu não sei, não. Mas se eu pegar ali, se eu folear ali, eu acho.

**JANAÍNA:** Mas eu queria só saber se esse processo, ele foi um processo criminal, ou foi pra ver essa questão da pensão da mãe de vocês, que ela não tava recebendo certo, qual que foi a ideia desse processo? Qual que foi o intuito de ir com esse processo?

**DEJAMILTON:** Não, a ideia de processo foi pedir no Estado uma indenização pela morte do meu pai. Indenização pela morte do meu pai. Aí pediu pro Estado uma indenização, foi feito o processo para o Governo, a nível de Governo. Só que nós perdemos. Nós perdemos esse processo de Minas Gerais, nós perdemos mesmo. Só que depois de muito tempo, muitos anos, aí se pareceu coisas novas, aí nós pedimo reabertura do processo, que tramitou muitos anos também. Muitos anos. Que a minha mãe teve, quando recebeu a indenização, tem uns 10 anos mais ou menos,

**CHIRLENE?**

**CHIRLENE:** Tem 10 anos.

**ELAINEGONÇALVES:** Tem...

**DEJAMILTON:** 10 anos.

**JANAÍNA:** Indenização do Governo Federal ou do Estadual, do CONED?

**DEJAMILTON:** Recebeu do governo, do CONED, e depois a minha mãe ganhou, não, minha mãe ganhou do Governo Federal primeiro. Depois recebeu uma outra do CONED. **JANAÍNA:** Mas foi da Comissão da Anistia ou foi do... Foi Anistia, né?

**JANAÍNA:** Não, ele não é anistiado, não.

**DEJAMILTON:** Não é anistiado, não.

**JANAÍNA:** Ele foi do... Da Comissão Nacional de Mortos e Desaparecidos.

**DEJAMILTON:** Mortos e Desaparecidos. Isso, Mortos e Desaparecidos. É, só que não teve um critério, eu acho que não teve um critério. Tem pessoas que sofreram na época da Ditadura também, que participaram, que foi torturado e tudo, entendeu? Teve tortura e tudo, mas então é isso. Tá tudo vivo aí. Nós perdemos meu pai, nós perdemos uma vida. E eu não sei como que foi, assim, eu não sei como que foi feita essa divisão de indenização. Ó, pra pessoas que perdeu a vida vai receber X, pra pessoas que foi só torturada, X. Eu acho que não teve esse critério, sabe? Assim, tem pessoas que foram torturada na época e tudo, mas tão viva aí. Nós perdemos meu pai, gente.

**JANAÍNA:** São critérios diferentes...

**DEJAMILTON:** Critério diferente. Eu acho que...

**JANAÍNA:** O critério do Estado geralmente é o mesmo valor, no Estado de Minas Gerais, é o mesmo valor...

**DEJAMILTON:** Eu acho que, até o CONEDH mesmo, a indenização que a minha mãe recebeu, foi o mesmo valor, por exemplo, eu não tô questionando nome, não, que é uma pessoa merecedora também, mas foi o mesmo valor do Celso Aquino. O Celso, é um cara que lutou demais, eu acho que merecia muito mais coisa do que a viúva dele, levou. Que a viúva dele, a outra viúva, a mais nova, porque a primeira viúva dele é a que tava com ele. Que comeu o pão que o diabo amassou com o rabo, foi a primeira viúva dele, que a segunda já pegou o Celso já quase que vereador, já com a vida estabilizada. Certo? A primeira é que comeu o pão que Diabo amassou, portanto ela ficou aí, no salário mínimo, coitado... Morreu parece sem ter uma casa pra morar. No sofrimento, cê tem a mulher que tava esse tempo todo do lado dele, a vida inteira. Entendeu? E que passou dificuldade, passou fome com os menino, que criou os filho dele, época que o Celso tava preso, não sei se em Belo Horizonte ou Uberlândia, não sei, ele ficou preso.

**JANAÍNA:** Juiz de Fora.

**DEJAMILTON:** Juiz de Fora, né? Ficou preso, eles viajavam num fusquinha apertadinho aí, os menino deitado, né? De noite, de madrugada, viajava pra ver o pai deles. Vladimir, Patrícia, tudo pequenininho. E a Maria, viajava me parece que com, não sei se era irmão do Celso, um conhecido dele, eles deitavam no solado do fusquinha, entendeu? Pra ver o pai deles. Entendeu? E eu acho que isso, isso não teve reconhecimento, que eles não levaram um centavo com isso. Que quem pegou

tudo foi a viúva dele, depois.

**JANAÍNA:** Não, eu sei que eles receberam do CONED. Existe sim uma disputa em relação a indenização, né? Qual órgão é tal que recebe, acho que tem essa disputa ainda, mas aqui voltando. Então sobre isso, sobre o autor, o agente que interpretou a violência contra o seu pai, o Estado não deu resposta, né? Ele deu depois de muita luta, muitos anos de indenização, sobre quem, punição de alguém... Não?

**DEJAMILTON:** Não teve.

**JANAÍNA:** Ou indicação de quem foi, né?

**JANAÍNA:** Ou pelo menos isso.

**DEJAMILTON:** Eu acho... Eu acho, não. Já foi falado pra mim, tenho certeza, que essa apuração da Federal...

**JANAÍNA:** Tem a ver com isso...

**DEJAMILTON:** É pra apurar pra punir os culpados. Isso foi o delegado que me falou.

**JANAÍNA:** Isso foi quando?

**DEJAMILTON:** “Nós tão investigando. Nós tão investigando pra punir os culpado.”

**JANAÍNA:** Foi ano passado que você foi lá?

**DEJAMILTON:** Foi ano passado.

**JANAÍNA:** Foi só você?

**DEJAMILTON:** Eu e minha mãe. Só que a minha mãe, ela não recorda de muita coisa, aí essa, esse depoimento, ele durou quase 3 horas. Quem falou mais, foi eu que falei mais, porque minha mãe... minha mãe tá com 88... quase 88 anos, faz esse ano agora, então tem coisas que vai fugindo da memória, sabe? Vai fugindo, mas eu presenciei tudo. Eu presenciei tudo, e eu tô, assim, desde os 19 anos de idade...

**JANAÍNA:** Cê tava na greve?

**DEJAMILTON:** Eu não tava na greve.

**JANAÍNA:** Era só o seu pai que tava na greve?

**DEJAMILTON:** Só meu pai.

**JANAÍNA:** Ele foi, só pra gente recapitular, ele tava adoentado, que cês falaram, ele tava acamado, né? Tava doente.

**DEJAMILTON:** Não, não, não.

**CHIRLENE:** Não, ele tava de licença.

**JANAÍNA:** Não? Ele tava de licença, mas era licença médica?

**DEJAMILTON:** O meu pai tava fazendo um tratamento, ele já tava, ele já tinha ganhado alta. Ele já ia retornar depois da greve. Eu tenho a documentação aqui comigo. Tá comigo. Então meu pai tava de licença, eles já tinha dado alta pra ele. Aí

entrou a greve, ele não voltou a trabalhar por causa da greve. E meu pai já ia, já tava apto para o trabalho já. E meu pai não chegou a ficar acamado, meu pai tava em tratamento. Quer dizer, meu pai tinha, parece que ele tinha uma deformidade no cano da língua, que foi feito vários exames, aí depois curou, sabe? E foi olhar, ver quê que era, se era coisa benigna, maligna, na época... Meu pai curou, tinha nada, tinha nada disso. Tinha nada disso. Aí voltou, meu pai tinha curado, eu tenho até receituário médico do meu pai, eu tenho isso daí, eu tenho tudo dele. Tudo, entendeu? Até carteira de identidade da época de São Paulo, aquelas antigas, aquelas de dobrar, eu tenho, eu tenho do meu pai. Eu tenho, documento antigo dele tá tudo comigo. Tem documento lá que tem mais de 50 ano, mais de 50 ano. Mais de 70 ano, 70 ano, né? Eu tô com 57, aí. Eu tô com 57 anos, tem documento do meu pai de quando ele era menino ainda, começou a trabalhar em São Paulo. Ele era solteiro ainda, na época.

**JANAÍNA:** Aproveitando essa pergunta, onde vocês estavam no momento do ocorrido na greve?

**CHIRLENE:** Eu tava na escola.

**JANAÍNA:** Na escola... Cê tava em casa...

**ELAINE:** Eu tava em casa.

**JANAÍNA:** Cê já tinha chegado da escola?

**ELAINE:** Já.

**DEJAMILTON:** Eu tava chegando em casa, foi quando a Elaine me falou.

**JANAÍNA:** Cê tava vindo do trabalho? Você trabalhava na época?

**DEJAMILTON:** Não, não. Eu tava desempregado na época, eu trabalhava na FORNAC, essa empresa é lá de Carai. Quando meu pai, quando teve a greve, que o meu pai foi ferido, o meu irmão tava trabalhando na hora. Meu irmão trabalhava lá em Carai, nessa mesma empresa que eu trabalhava, que o pessoal começou daqui parando, parando, todo mundo.

**JANAÍNA:** Qual irmão seu que trabalhava lá?

**DEJAMILTON:** O meu pai tava indo junto, mas meu pai ia nessa empresa onde meu irmão tava trabalhando.

**JANAÍNA:** Qual dos seus irmãos tava trabalhando nessa empresa?

**DEJAMILTON:** O Nelson. Eu trabalhei lá também, mas o Nelson tava trabalhando no horário. Tava no horário.

**JANAÍNA:** E nesse momento cê tava desempregado e tava em outro local?

**DEJAMILTON:** Não, eu trabalhava em lanternagem, eu trabalhei em lanternagem 8

meses. Oito meses, depois que eu saí dessa empresa. Trabalhei 8 meses em lanternagem, depois eu voltei a trabalhar, mas trabalhar na Pains. Não foi no lugar do meu pai, foi vaga que surgiram na época, meu irmão começou a trabalhar lá.

**INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA:** É só pra gente poder entender, porque nos depoimentos da Comissão Nacional da Verdade, parece, eles... Tem algumas, umas...

**DEJAMILTON:** Distorção.

**JANAÍNA:** É, umas divergências.

**DEJAMILTON:** Eu vi mesmo.

**JANAÍNA:** Então a gente precisa deixar claro aqui, se... Em qual momento... Onde que tava, porque lá fala que o seu pai tinha ido encontrar com você, que você tava na greve...

**DEJAMILTON:** O Nelson.

**JANAÍNA:** Foi com o Nelson?

**DEJAMILTON:** É o Nelson.

**JANAÍNA:** É, mas por que isso? Ele saiu? Como saiu daqui? Eles estavam indo se encontrar no Centro Industrial, né?

**JANAÍNA:** Eles estavam indo de empresa em empresa...

**DEJAMILTON:** O meu pai não ia, eu tenho a impressão que meu pai não ia fazer paralisação naquelas empresas para o lado de lá. O meu pai foi na assembleia, teve uma assembleia geral, que foi lá no campo do Flamengo. Campo do Flamengo. Essa assembleia geral, lá ela foi, lá ela foi decidido os rumos do movimento. Essa assembleia, a greve podia ter acabado lá, que eles, foi decidido, porque a empresa... Os patrões ofereceram alguma coisa, na época. Aí a assembleia geral pra decidir se continuava ou se acabava a greve ali. Foi aonde que mobilizou todo mundo, nesse campo do Flamengo. Então, aí eles resolveram que num era pra parar, que num era assim, que o acordo, assim, que num era o que eles queria. Não chegava nem perto do que eles queria que os patrões resolveram. Aí que eles resolveram continuar a greve e continuar as paralisações das empresas que tinham no final do Niterói, que era a Fundação Guarani, que era a Forjaria São Luiz, e de lá eles ia pro Centro Industrial.

**JANAÍNA:** Entendi.

**DEJAMILTON:** Entendeu? O meu pai ele tava, assim, ele foi... Ele acompanhava as assembleia, mas pra parar a empresa assim, meu pai, não era isso o negócio dele. Aí surgiu falando que meu pai tava numa bicicleta. Gente do céu! Mas que absurdo!



Meu pai nunca andou numa bicicleta na vida dele. Meu pai tinha o pé muito cheio de cravo, ele andava, mas tinha as dificuldade dele. Né? Mas aí...

**CHIRLENE:** Andava, andava... Não andava de bicicleta, né?

**DEJAMILTON:** Aí, nesse momento, o meu irmão trabalhava nessa FORNAC. Ele trabalhava nessa FORNAC, eles foram parando, empresa por empresa, eles ia chegar lá. A intenção deles era ir no bairro de Carai pra parar tudo, no Centro Industrial pra parar tudo.

**JANAÍNA:** Mas aí ele teve a interceptação da, do exército, né? Do batalhão...

**DEJAMILTON:** Aí teve o batalhão. Aí o batalhão na época, a Fundação Guarani, ela era no Niterói, no bairro Niterói, então me parece que era uma das últimas indústrias que tinha no final do bairro, da cidade. Então dali pra lá era mato puro. Então dali pra lá, só tinha a Forjaria São Luiz, que era lá no meio do mato. Eles tinham que passar lá na porta pra parar essas forjaria. Foi aonde que, na época, o batalhão parece que aproveitou pra pegar o pessoal. Tava fora da cidade... Porque dentro da cidade tinha muita imprensa, a imprensa dava cobertura demais, sabe? E num era só a imprensa de Divinópolis, era de tudo quanto é lugar. Folha de São Paulo, Estado de Minas, tudo cobria, o pessoal cobria. O pessoal de fora vinha e fazia cobertura, e símbolo daquilo ali. Porque era... Gente, era a primeira greve que teve. Praticamente quase que Brasil, ué. Depois que teve essa aqui que começou a do ABC Paulista, começou Belo Horizonte, aí foi a cidade... Não sei de João Monlevade também, foi emendando tudo ali, ó. Começou aqui primeiro. Então, na época... Na época do militarismo, eles só fazia, mas não fazia na vista, sabe? Graças a Deus, acabou esse trem. Graças a Deus, né? Acabou, não tem isso mais, mas é o que eu falei, né? Medo de voltar. Pode voltar...

**JANAÍNA:** Ô, **ELAINE**, e quando que cês vieram de Carmo da Mata? Você não tinha nascido ainda, não, né?

**JANAÍNA:** Não, ela nasceu aqui.

**ELAINE:** Não, eu nasci aqui.

**JANAÍNA:** Quando que seus pais vieram de lá? Cê sabe dizer?

**ELAINE:** Quando que vieram? Não sei...

**JANAÍNA:** Quando? Que ano que foi?

**DEJAMILTON:** Nós viemo... Nós viemos, eu vou te falar o ano mais ou menos. Eu sou de 1959, quando nós viemos pra cá, eu tava mais ou menos, com 1 ano de idade. Um ano e pouco de idade, eu era menino de colo. Então, nós deve ter vindo pra cá, 1961, 62, por aí, no máximo.

**JANAÍNA:** E que ano que pai de vocês entrou na Pains?

**DEJAMILTON:** Ó, o meu pai ficou até em 79, né? 79. Meu pai tinha um... Meu pai tinha quantos anos de Pains, mamãe? Tinha uns 10 anos?

**MARIA DA CONCEIÇÃO:** É, mais ou menos, deve ser isso.

**DEJAMILTON:** Mais ou menos 10 anos?

**MARIA DA CONCEIÇÃO:** É, porque a Chirlene, quando...

**DEJAMILTON:** É porque eu tenho a carteira profissional dele. De entrada e de saída.

**MARIA DA CONCEIÇÃO:** Pois é, porque quando eu ganhei a Elaine, seu pai já trabalhava na Pains. Eu ganhei no hospital... Era uns 14 anos.

**JANAÍNA:** Deve ser uns 14, 15 anos, não é?

**CHIRLENE:** É, porque se a senhora ganhou a Elaine, já foi no hospital...

**MARIA DA CONCEIÇÃO:** Então, Elaine ganhei no hospital, Elaine foi no hospital...

**CHIRLENE:** Não, então tem... Deve ser uns 14 anos, então. Vamos pôr da idade dela então.

**MARIA DA CONCEIÇÃO:** É.

**JANAÍNA:** Então ele trabalhou bastante lá.

**DEJAMILTON:** É, uns 14 anos que meu pai tinha lá.

**JANAÍNA:** É isso... Cê tá de boa aí?

**JANAÍNA:** Não, eu queria só fazer umas outras... Trouxeram muita coisa sobre esse período e como é que foi e tudo mais, mas aí, após o falecimento do pai de vocês, imagino que cês começaram a entrar, né? Fizeram o processo, tentando pedir assim, indenização, que foi indeferido, só depois, anos depois, que foi vir a ser deferido, mas eu queria fazer essa pergunta especificadamente pra Chirlene, que ela era a menor de idade, né? Você tinha 10 anos na época, menor de 12 anos, né? Cê já tinha 10 anos na época... Qual que é a repercussão, assim, disso na vida de vocês, assim? Tô perguntando especificadamente pra você, mas também a pergunta é abrangente para os outros também, assim, do que aconteceu, assim...

**CHIRLENE:** Ah, é péssima. Uma coisa que se eu pudesse apagar da minha mente, eu apagava. Porque pelos comentários, muito cochicho, sabe? Muita coisa que eu podia ter, eu não tive... Não reclamo por isso, não. Mas muita coisa que eu podia ter, eu não tive, entendeu? Então as coisas que eu tinha, eu sei que foi com muito esforço que minha mãe me dava, que meus irmãos começou a trabalhar, aí dava nós também, né? Que a gente era de menor, então eles faziam o possível pra poder agradar a gente, mas é uma coisa, se eu pudesse apagar, eu tinha apagado da minha mente. Que eu acho, assim, ele morreu de graça, entendeu? Foi muito de

graça, foi uma coisa que não precisava.

**ELAINE:** Eu tive... Aí o papai morreu em agosto, eu com 14 anos, aí eu tive que começar a trabalhar fora, trabalhar em casa de família. Por quê? Não tinha como, eu precisava de vestir... De uma calcinha, por exemplo, eu falava: “Mamãe, eu preciso de uma calcinha”, “Ah, não tem jeito”, porque meus irmão tava todo mundo novo, né? E aí eu comecei a trabalhar em casa de família. Eu não tive... Eu tenho uma filha hoje com 14 anos, aí eu fico olhando ela, né? Toda enfeitada, toda cheia... “Ah, mamãe faz isso, compra isso, me dá isso” e num sei o quê e tal, e eu falo assim: “Gente, e eu não tive nada disso.” Eu não lembro da minha adolescência, parece que apagou. Quer dizer, eu num tive também, né? Que eu comecei a trabalhar com 14 anos, então eu já fui, aí estudei só até na sexta série, parei de estudar, e minha vida sempre foi trabalhar. Sempre trabalhando, graças a Deus. Sempre trabalhando, sabe? Mas num tive, eu nem ela teve, assim, luxo de adolescente, de... Sabe? De... Das coisas que adolescente da época tinha e hoje também tem, né? E isso foi tirado de nós.

**CHIRLENE:** Gente, eu nunca tive uma bicicleta... Ó, procês vê!

**ELAINE:** Nem eu!

**CHIRLENE:** Eu fico olhando é por causa das menina, né? Minhas menina lá em casa, as menina têm. Aí eu fico xingando elas, fico assim: “Ô, gente, vai andar de bicicleta!” Aí elas: “Não, mamãe! Não vou andar, não!” Falei: “Ô, gente, meu sonho era eu ter uma bicicleta, eu nunca tive. Eu andava em bicicleta de colega minha da rua.” Aí depois meus irmão arrumou uns camelo pra trabalhar, aí nós andava com a... Os meninos chegava do serviço, nós pegava os camelo dos menino, mas eu nunca tive uma bicicleta na minha vida!

**ELAINE:** Aí o quê que aconteceu com a morte do meu pai, as minhas tias, irmãs da mamãe, são folgadas, né? Elas que vestia nós, né? Elas que davam brinquedo pra nós, de natal, então a gente ficava esperando, né? Porque na época do papai na Pains, a Pains dava presente, né? Então ele fazia tudo, ele mais a mamãe... Ele deixava a gente dormir pra depois deixar os presentinhos nosso atrás da porta, nossos chinelinhos, né? Era da Pains. E nós nos fazia de bobo que não sabia pra deixar ele feliz, e a mamãe feliz, também.

**DEJAMILTON:** Fingia que acreditava em Papai Noel, né?

**ELAINE:** É, acreditava em Papai Noel.

**DEJAMILTON:** O meu pai um dia perguntou pra mim assim, foi... Nós morava cá em baixo, na beira do rio, num buracão lá em baixo, aquela pobreza danada, mas a casa

era feliz demais. Eu sonho com aquela casa até hoje. Sonho com ela, única casa que eu sonho é com essa casa, e sempre com meu pai. Meu pai falava com minha mãe assim: “Eu vou mudar daqui só depois que eu morrer”, minha mãe era doida pra mudar de lá. Aí eu lembro que nós tava mexendo, nós tava levando as parede, e nós tava disputando um torneio de futebol, aí a gente jogava em duas final, aí o meu pai falou assim: “Eu vou liberar o Nelson pra ir no jogo, Miltinho”, ele me chamava e Miltinho, “e no domingo que vem, você vai e ele fica.” Aí, dia de domingo, aí meu pai, os amigos dele, ia dar digitório pra ele, da Paíns, e nós levantamos parede, tava fazendo massa, massa de barro, cimento, pra levantar as parede, né? Aí, sô, o Nelson, meu irmão, saiu pra jogar bola e eu fiquei naquela tristeza, sô, porque eu gostava demais de jogar bola, triste pra caramba, sô. Aí, isso, eu contei essa história pros menino, tem uns menino numa escolinha que eu trabalho nela, de futebol, eu contei essa história para os meninos. Aí eu falei assim: “O meu pai viu na tristeza que eu tava, desceu do andaime, falou comigo assim: ‘Ô, Miltinho, vem cá. Deixa eu te falar uma coisa: como é que tá suas nota da escola?’ Aí eu no quarto ano de grupo, meio de ano, falei: ‘Pai, minhas nota tá até boas, tá ruim, não.’ Eu gostava muito de estudar, e aí eu falei assim: ‘Pai, minhas nota tá até boa.’ Falou: ‘Ô, nós vamo fazer um negócio com cê, se ocê tirar o diploma no final do ano, eu vou te dar ocê um par de Kichute.’ Falei: ‘Nó, o papai vai me dar Kichute, gente!’” Cês sabe quê que é Kichute?

**JANAÍNA:** Sei, são tênis...

**DEJAMILTON:** Eu conto essa história hoje pros menino, os menino vai treinar com aquelas chuteira mais linda do mundo, caríssima aqueles trem, aí eu falo assim: “E eu driblei com o par de Kichite que meu pai me deu no final de ano.” Fui disputar uma final, aí tava barro no campo, tinha chovido no final do ano, chovendo, aí: “Em uma poça d’água não vou entrar, não. Não vou sujar meu Kichute.” Aí olha procê ver! Como é que o tempo passa depressa desse jeito, assim, que lembrança mais boa que eu tenho hoje, assim, eu falo com maior orgulho, mesmo! Falo com orgulho, e isso eu vibrando por causa de um par de Kichute. Né? Porque as coisas eram tão simples, sô, que qualquer coisinha que cê ganhava, cê dava um valor danado, né?

**CHIRLENE:** Uma alegria, né?

**DEJAMILTON:** Alegria. Então eu lembro do meu pai, eu lembro do meu pai desse jeito, sabe? E meu pai, há muitos anos, quando nós viemo de Carmo da Mata, justamente quando meu pai começou a trabalhar na Pains. Não tinha energia elétrica, não, na nossa casa não tinha. Aí fazia frio demais, e nós morava mais na beira do rio,

que fazia frio com força, aí meu pai arrumava uma lata de brasa assim, colocava uma lata dentro de casa, deixava uma janela meio aberta, acendia aquele fogo assim, nós sentava em volta do fogo. A senhora lembra, mãe?

**MARIA DA CONCEIÇÃO:** Lembro.

**DEJAMILTON:** Sentava em volta do fogo, aí meu pai ia contar piada pra nós. Piada do Mazzaropi, desbocagem, de não sei que tem, de não sei que tem, Oscarito, e contava piada pra nós e nós ficava em volta dele, contando piada, e nós até chorava de rir. Não tinha televisão, um radinho mais ou menos, aqueles rádio a válvula, a pilha, meu pai colocava oito pilha naqueles trem. Final de semana a gente ia ouvir Cruzeiro e Atlético jogar, que ficava a maior alegria. E a gente olhava aquilo, sô, muito simples... E num é que eu tenho saudade daquele tempo? E era muito melhor do que hoje. A vida nossa era isso. A única coisa que eu tenho também, uma das mágoas que eu tenho, é que o meu pai morreu novo, 48 anos de idade. Ele não conheceu nenhum neto dele, nenhum neto.

**ELAINE:** Era o sonho dele.

**DEJAMILTON:** Nenhum neto. Hoje, quantos netos que a mamãe tem, mais ou menos?

**CHIRLENE:** Eu num sei... Quantos netos a senhora tem hoje?

**MARIA DA CONCEIÇÃO:** Tenho 10 netos, e 6 bisnetos...

**DEJAMILTON:** Tem 10 netos e 6 bisnetos. Meu pai era louco com criança. Meu pai não viu nenhum neto dele.

**MARIA DA CONCEIÇÃO:** Ele era doido com criança. Se tivesse aí hoje...

**DEJAMILTON:** Não viu nenhum neto. Então...

**MARIA DA CONCEIÇÃO:** Ele gostava de criança, sabe? E tá tudo solteiro aí, tá tudo novo ainda...

**JANAÍNA:** Ele morreu muito novo, né?

**MARIA DA CONCEIÇÃO:** E cada um só tem dois, de cinco filho. Cada um foi e teve dois.

**DEJAMILTON:** Então, ô, mamãe...

**MARIA DA CONCEIÇÃO:** Eu sou mãe de sete.

**JANAÍNA:** Muitos filhos, muitos netos.

**MARIA DA CONCEIÇÃO:** Eu sou mãe de sete.

**DEJAMILTON:** Então o quê que acontece? Dinheiro nenhum vai pagar a morte do meu pai. Dinheiro nenhum! O Estado pode dar nós o que ele quiser, entendeu? O Estado pode dar a minha mãe, pode dar a minha família o que quiser, que não vai

pagar a morte do meu pai. Não paga, porque nós perdemos meu pai muito novo, meu pai era, ele era um menino, ele era um menino grande... Ele era um menino grande, meu pai era um menino grande, menino, sabe? Que gostava de brincar com a gente, meu pai era um cara bacana e tudo, certo? Um amigo que eu tive, não. Tenho até hoje, considero ele vivo até hoje. Meu pai tá vivo até hoje. E o Estado não vai pagar nunca o que fizeram com a gente, não vai pagar mesmo, dinheiro nenhum vai pagar o que fizeram com meu pai. Só que, ora eu vejo por um lado bom, que muitos ganhos teve de lá pra cá. E o trabalhador hoje tem que dar valor nisso. Tem que lutar pelos seus direitos. Sai pra rua, luta mesmo, gente! Corre atrás dos seus direitos, porque isso aí foi feito com muito sangue, foi construído com muito sangue. Não foi só meu pai que derramou sangue, foi muita gente que derramou sangue pra conseguir o que tá hoje. Pra conseguir o que tá hoje. Então corre atrás mesmo, os jovens fica agarrado nesse celular, computadorzinho, celular, zapzap, larga disso! Vai olhar a situação do país, corre atrás, procura saber quem que é seu governante, de quem cê vota, entendeu? Em quem que cê coloca lá pra te representar, corre atrás. Que enquanto cê tá no zapzap, eles tão no zapzap roubando pra valer mesmo, e tá roubando seu dinheiro, corre atrás mesmo. Então o jovem tem que acordar para o Brasil. Gente, ficar caçando coisa na internet, caçando coisa engraçada, ô, gente, lá em cima eles tão rindo da turma dos menino de hoje.

**JANAÍNA:** Eu queria só fazer uma última pergunta que, cê falou, contou a história do Kichute pra gente, que cê formou no grupo, foi no grupo, quando cê formou no grupo?

**DEJAMILTON:** No grupo.

**JANAÍNA:** E cê chegou a fazer o Ensino Médio e tudo? Grupo era o Ensino Médio? Eu não sei...

**JANAÍNA:** Grupo era o Ensino Fundamental...

**DEJAMILTON:** Fundamental... O Ensino Fundamental incompleto Agora, quando ocê ia até na oitava série, que foi que eu tirei, que eu dei conta de fazer, entendeu? Esse também é o Fundamental. Só que eu não, eu comecei a trabalhar, eu comecei a trabalhar fichado, eu não tinha 14 anos ainda não, uai. Eu fichei com salário de menor. Porque naquela época cê tinha dois caminhos, ou cê trabalhava ou cê estudava. Então as família antigamente era tudo carente, então cê tinha que optar. "Não, eu tenho que trabalhar!" O meu pai: "Você tem que trabalhar, não tem como cê estudar mais. Trabalhar pra ajudar em casa." Então todos nós, dos meus irmãos, dos homens, a não ser o Cleber, que faleceu, se ele tivesse aí, ele já tinha aposentado

também. Eu sou aposentado, meu irmão mais velho, o Nelson, é aposentado também. Por quê? Nós começamos a trabalhar muito novo, nós tinha que trocar, fazer uma escolha: ou trabalha ou estuda. Então nós não tivemos o privilégio de estudar mais, de formar um engenheiro, alguma coisa assim. Até que na época também, naquela época também filho de pobre não chegava em engenheiro nunca. Não chegava, mesmo! Tinha que trabalhar, mesmo! Então tive que largar a escola pra estudar pra ajudar em casa.

**JANAÍNA:** Isso aconteceu com você também, Chirlene? Cê teve que...

**CHIRLENE:** Eu tinha 10 anos só, né? Então eu ainda tava no grupo, aí depois eu continuei. Porque eles já, todo mundo trabalhava, e só eu que ficava em casa com a minha mãe. Que eu tava muito nova...

**ELAINE:** A mamãe lavava roupa pra fora, eu era...

**JANAÍNA:** Era isso que eu queria saber...

**ELAINE:** Eu era miudinha, eu sempre fui... E pegava aqueles malão de roupa, buscava, mamãe lavava, passava, eu levava, entregava, mamãe vendia couve, vendia cebola...

**DEJAMILTON:** Chuchu...

**ELAINE:** Chuchu!

**DEJAMILTON:** Chup-chup!

**ELAINE:** Chup-chup! Aí eu e ela saía de porta em porta vendendo verdura pra nós comer pão. E nem todo dia tinha pão. Tinha dia que mamãe tinha que fazer bolinho de chuva porque o do dia não dava, entendeu?

**DEJAMILTON:** Broa, fazia broa...

**ELAINE:** Então isso tudo aí eles tiraram de nós, né? Quando meu pai... Mas foi, graças a Deus...

**CHIRLENE:** Sobrevivemos, né?

**ELAINE:** Hoje, nós sobrevivemos, a gente tem muita coisa pra contar, sabe? E não arrependo de nada, né?

**DEJAMILTON:** Mas com tudo, com tudo que aconteceu com a gente, eu falo com sinceridade, sinceridade mesmo, Deus me deu um presente. Eu sou um privilegiado das coisas que aconteceu comigo. Olha procê ver. Eu perdi meu pai, eu agradeço a Deus toda hora, de lá pra cá, a pessoa que eu virei, a pessoa que eu sou, eu fui presidente de bairro, por dois mandato, fui vice, um mandato. Eu mexo com... A gente mexe com política porque a gente quer melhorar o negócio. Eu não concordo, político tá lá em cima, ferrando a turma aqui de baixo. Aqui a gente faz manifestação. Aqui em

baixo tem um buracão, aqui, que junta o pessoal pra fazer manifestação lá. De vez em quando eu levo uns pneu pra lá, eu queimo mesmo, o pau quebra. O pau quebra de acordo. A polícia chega lá, pode levar, mas vai levar é todo mundo. Entendeu? Então eu sou um cara que eu bato de frente hoje. Hoje eu bato de frente, que antigamente eles consumia, mas hoje eu tenho coragem, bato de frente. Então porque eu quero ver um Brasil melhor, eu quero ver um Brasil melhor não é pra mim, não, que eu já tô beirando os 60 ano, porque a... Como eu falo pra todo mundo, a minha fase de ficar rico já passou, tem que ser antes dos 50 anos, de agora pra frente é cuidar da saúde e tentar melhorar pros que tá ficando. Que eu tenho meus sobrinhos, tem meus filhos, tem meus neto que tão aí, eu tô lutando pra eles. Eu tô lutando pra eles, entendeu? Pra eles ser grandes cidadão, os bons cidadão, né? E eu torço também para o Brasil fazer um... Ser um país melhor, um país igual pra todo mundo. Um país igual pra todo mundo!

**CHIRLENE:** É, mas tá meio difícil...

**DEJAMILTON:** Não, vai melhorar!

**CHIRLENE:** Ah, vai...

**DEJAMILTON:** Cê pode ter... O Brasil vai melhorar! Nem que seja debaixo de sangue, mas vai melhorar! Cê pode ter certeza, o Brasil é o melhor país do mundo pra viver. Eu sou apaixonado com o Brasil! Sou mesmo. Seleção brasileira... Visto camisa da Seleção, tal, tá ruim, mas eu tô lá, cê entendeu? Eu sou desse jeito. Eu sou brasileiro e eu amo essa terra. E o Brasil vai melhorar, nem que seja derramando sangue, mas cê pode ter certeza que vai melhorar. O Brasil vai ter mudanças, cês vão ver a mudança que o Brasil vai ter, daqui a 10 anos cê vai ver, o Brasil vai ficar um país bom de viver. Pra todo mundo! Entendeu? Melhorar essa política lá de cima e essa malandragem aqui em baixo acabar, entendeu? É fazer reforma, reforma judiciária, tem que mudar essas leis do Brasil, se não mudar vai ficar do mesmo jeito que tá, cê entendeu? O Brasil vai ser um dos melhores países do mundo pra viver. Cês escuta o quê que eu tô falando... Tá documentando isso que eu tô falando.

**CHIRLENE:** Tomara que eu vô tá viva pra ver isso...

**DEJAMILTON:** Que dia que é hoje? Hoje é 12 de maio de 2017, cês vão ver! Cês vão ver o quê que vai virar o Brasil!

**JANAÍNA:** Agora eu só queria saber se vocês tem mais alguma colocação, alguma coisa que cês acham importante dizer sobre a mãe de vocês, sobre esse período, sobre a história de vida de vocês?

**DEJAMILTON:** É, a história de vida nossa é o seguinte...



**CHIRLENE:** Dá um livro!

**DEJAMILTON:** É, a vida dá um livro. A história de vida nossa, nós somos uma família muito feliz, sabe? Muito unida. Nós somos muito unidos. Procê vê, começou a ajeitar pro dia das mães, começando a arrumar. Domingo nós vamo tomar uma cervejinha com a turma aqui, comer um feijãozinho com arroz, né? Turminha nossa aqui, é coisa simples, mas é de coração. E isso é uma família unida e a gente pretende passar para os que tá vindo, para os ancestrais nossos, né? E a gente prega isso pra todo mundo, né, Chirlene? Essa família grande nossa que a gente tem, numerosa, graças a Deus, a gente não tem um que mexe com coisa errada. Um, que mexesse com coisa errada. Graças a Deus! Isso veio da criação que meu pai deixou pra nós, que nós fomos repassando para os que tá ficando, para os filho, para os neto, né? Isso aí foi uma criação que meu pai passou. Meu pai, minha mãe, deixou pra gente, e eu sou da época de apanhar de vara de marmelo, né? Eu sou daquela época.

**CHIRLENE:** Eu que o diga...

**DEJAMILTON:** De apanhar de vara de marmelo.

**CHIRLENE:** Apanhei até...

**DEJAMILTON:** Né? Eu agradeço muito à minha mãe e ao meu pai pelas varada que eu tomei. Né? E espero que futuramente, né, Chirlene? Nós dobrar a serra também, ficar junto, for pra junto do meu pai, que os menino carregue a família do mesmo jeito que tá, né? Que a raiz mantenha. Que a raiz mantenha firme na terra, né? Pra levar a família que nós têm, que foi brilhante, desde quando nós botamo os pé em Divinópolis, a nossa família só progrediu, só coisa boa apareceu. Graças a Deus.

**ELAINE:** E outra coisa também, os nossos filhos sabem de tudo que a gente passou. Sabe de quê que o vô morreu, como foi, como não foi. Sabe o que mamãe recebeu, o que não recebeu. Os menino tudo, os nossos filhos estão todos a par, os que não tá é só os bisnetos da mamãe, que eles é pequeno. A gente passa para os menino que eles têm que saber da história de vida que o vô teve, que nós tivemos também. Então os nossos filhos, todos eles sabem. Aí quando a mamãe, eles manda livro pra mamãe sobre isso, a hora que vêm aqui a mamãe mostra para os menino, que eles já tá tudo grande, todo mundo lê. Porque pra eles depois também poder contar para os filhos deles o que o vô passou. Então a gente quer e tem que deixar esse legado pra eles, pra eles poderem saber contar. Porque, como se diz, que fácil não foi, gente. Mas não foi mesmo.

**DEJAMILTON:** Tem uma avenida, tem uma avenida lá no, em Caraí, ela chama Avenida Benedito Gonçalves. Ela foi dada o nome do meu pai nessa época, pelo

Vereador Doutor Sebastião e a Doutora Ivone na época, eles eram irmãos e eles eram vereador na época. Aí foi dado esse nome nessa rua, lá era Rua Benedito Gonçalves, hoje já é uma avenida. É a maior avenida que tem lá no Centro Industrial, aqui em Divinópolis. Até lá localiza, o Eike Martins é localizado nessa avenida. Até eu tive lá tem pouco tempo, aí eu perguntei um senhor lá: “O senhor sabe quem que foi esse Benedito Gonçalves?” Ele: “Não.” Eu: “Meu pai”, aí fui falando, fui falando, falando, meu pai tinha o apelido de Bené. “Ah, foi o Bené! Que morreu na greve de 79?” “É!”, “Eu conheci seu pai. Eu não sabia!” Que essa rua foi dada o nome do meu pai. Aí até eu falo pros menino, né? Falo pra eles, Belo Horizonte também tem um nome com a rua do meu pai, que tá ali, parece que foi dado por um dos vereadores de lá, também, né?

**JANAÍNA:** Foi. Tá num livro que chama Rua Viva.

**DEJAMILTON:** Rua Viva. Eu tenho esse livro, eu tenho o Rua Viva, tá comigo ali. Aí...

**JANAÍNA:** E cês foram lá? Cês já foram lá na rua?

**DEJAMILTON:** Não conheço ainda.

**CHIRLENE:** De Belo Horizonte toda que eu sei...

**DEJAMILTON:** É... De Belo Horizonte eu não conheço também, mas daqui eu sei. Então a gente fica até feliz em saber que tem um... Que pelo menos o nome do meu pai fica sendo lembrado assim, toda vez que alguém vai lá, fala: “ó, isso aqui, né? Essa rua foi dada o nome de Seu Benedito e tal.” Porque as pessoas achar que a rua é nome do fulano de tal, acha que é só mais um nome. Não, gente. Significa muito, que aquilo vai marcar pra vida inteira, aquela rua nunca vai desaparecer, sempre vai ser o nome de Benedito Gonçalves, não é? Vai ser imortal, um nome imortal, um nome de, né?

**JANAÍNA:** Fica pra história né

**DEJAMILTON:** Imortalizado.

**JANAÍNA:** Bom, então, chegando agora ao fim, agora é 20h12min. A gente tá aqui na casa da Dona Maria, né? Da Dona Maria a casa?

**DEJAMILTON:** Dona Maria da Conceição.

**JANAÍNA:** Dona Maria da Conceição, mas a casa é dela, né?

**DEJAMILTON:** Isso.

**JANAÍNA:** A gente tá aqui, a gente vai encerrar o depoimento da Chirlene, do Dejamilton e da Elaine. Eu agradeço muito! É bom, porque eu sou de Divinópolis, então é bom escutar outros lados da história, né? Porque às vezes a gente conhece

só um... Só um oficial, só de um tipo de pessoa e tal, é bom ouvir isso também, e agora a gente, nesse trabalho é bom escutar pessoas, assim, o que aconteceu aqui nessa época, né? Que foi duro, que as injustiças aconteceram, mas que é bom ouvi-los também falando que são unidos, que são felizes, que apesar disso reconhecem essa tristeza, o trauma que foi, mas só que superaram isso de uma forma boa, unindo a família, né? A gente agradece pelo depoimento de vocês.

**DEJAMILTON:** Muito obrigado.

**ELAINE:** Gente, eu tô num frio... Nú! Tô congelando. Depois nós vai na pracinha. É nós vamo tomar café lá em cima.

**DEJAMILTON:** Deixa eu te falar... Cê chegou a localizar a Sílvia? Sílvia, do Carlos Schirmer?

**JANAÍNA:** Não... Qual que é o outro sobrenome dele? Que é uma pessoa que eu te falei, que foi, que metralharam a casa dele, não foi?

**JANAÍNA:** Aqui?

**DEJAMILTON:** É o Carlos Schirmer.

**JANAÍNA:** Ah, eu sei...

**DEJAMILTON:** A Sílvia é filha dele, a Sílvia...

**JANAÍNA:** Pois é, mas a Sílvia, ela era mais velha, num era, na época?

**DEJAMILTON:** Não, não...

**JANAÍNA:** Porque o Carlos Shemer, ele é estrangeiro, não é?

**DEJAMILTON:** Me parece que ele é. Tem uma biografia, eu vou ter que procurar ele, tem uma biografia que fala sobre o Carlos Schirmer, certo?